

409.043
P344aP
2.1

660084

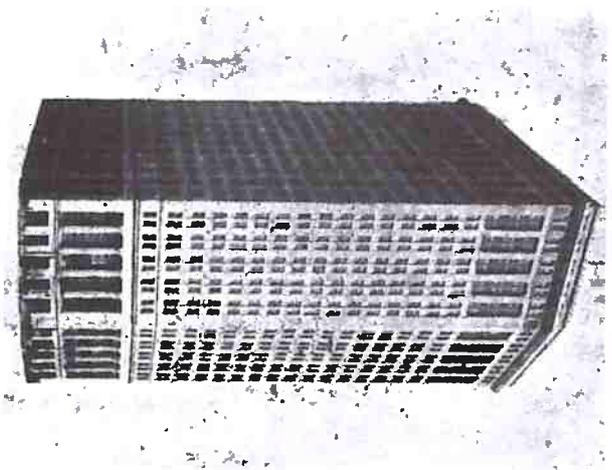
LE CORBUSIER

A ARTE DECORATIVA

Tradução
MARIA ERMANTINA GALVÃO G. PEREIRA



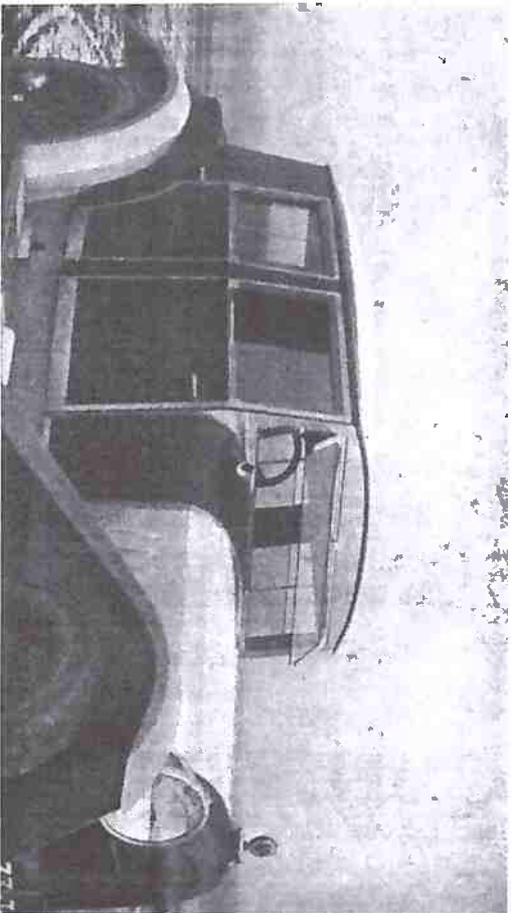
Martins Fontes



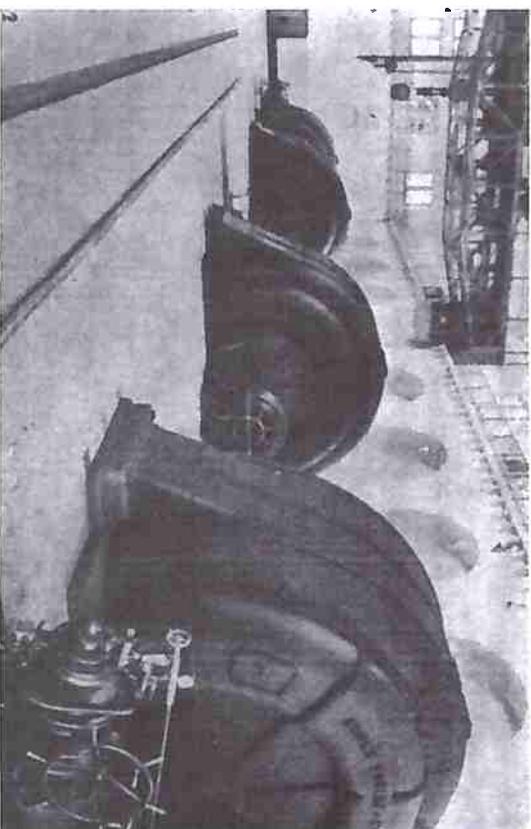
A ARTE DECORATIVA DE HOJE

A arte decorativa de hoje! Será que vou afundar-me num paradoxo? Um paradoxo que é apenas aparente. Reunir nessa rubrica tudo o

que é isento de ornamentação e fazer a apologia do que é corriqueiro, indiferente, desprovido de *intenções artísticas*, convidar os olhos e o espírito a delectarem-se em tal companhia e talvez a se insurgirem contra o arabesco, a mancha, o rumor barulhento das cores e dos ornamentos, a ignorar toda uma produção às vezes talentosa, a passar por cima de uma atividade às vezes desinteressada, às vezes idealista, a depreciar o esforço de tantas escolas, de tantos mestres, de tantos alunos, e pensar disso: “eles são tão incômodos quanto os mosquitos”. Chegar a este impasse: *a arte decorativa moderna não tem decoração!* Não temos esse direito? O exame pode nos confirmar isso: o paradoxo não está no fato, está na palavra. Por que chamar essas coisas que nos ocupam *pre-sentemente arte decorativa?* Aí está o paradoxo. Por que chamar de *arte decorativa* cadeiras, garrafas, cestos, calçados, todos eles objetos úteis, *ferramentas?* Paradoxo de fazer arte com ferramentas. Entendamo-nos. Digo paradoxo de fazer arte decorativa com ferramentas. Fazer arte com ferramentas é válido, se nos unimos ao Larousse que pretende que a ARTE seja *a aplicação dos conhecimentos à realização de uma concepção*. Então sim. E eis-nos aplicados a pôr todos os nossos conhecimentos na execução perfeita de uma ferramenta: saber, habilidade, rendimento, economia, precisão, soma dos conhecimen-



Voisin "Sport".



Turbinas da Brown-Boveri.

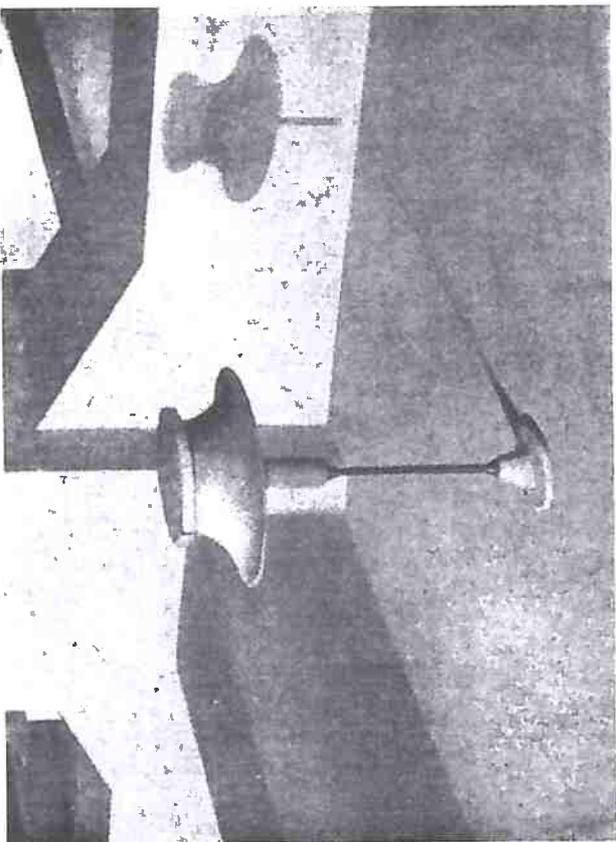
tos. Boa ferramenta, excelente ferramenta, a melhor ferramenta. Eis-nos na *fabricação*, na indústria; estamos em busca de um padrão, estamos longe do caso pessoal, arbitrário, fantasista, maluco; estamos na norma e criamos objetos-padrões.

O paradoxo está portanto na terminologia.

Afirmam, porém, que a decoração é necessária à nossa existência. Retifiquemos: a arte nos é necessária; ou seja, uma paixão desinteressada que nos eleva. Decoração: miscelânea de cores, divertimento agradável ao selvagem. (E não duvido que seja excelente conservar intacta em si uma pequena porção de selvagem – uma pequena porção.) Ora, no século XX, desenvolvemos muito nosso julgamento e elevamos o nível de nosso espírito. Nossas necessidades espirituais são diferentes e zonas superiores às da decoração oferecem-nos sensações conformes. Parece justo afirmar: *quanto mais se cultiva um povo, mais desaparece a decoração*. (Deve ter sido Loos que o escreveu tão claramente.)

Para ter uma visão clara, basta pois levar em conta as sensações desinteressadas e a das necessidades utilitárias. As necessidades utilitárias requerem as ferramentas, aperfeiçoadas em *tudo*, como certa per-

feição manifestou-se na indústria. É então o programa magnífico da *arte decorativa* (que termo impróprio, decididamente!)¹.



Aparelho de iluminação First National Company Detroit.

O desencadeamento das sensações elevadas é reservado à proporção que é uma matemática sensível, fornecida mais particularmente pela arquitetura², a pintura e a escultura, obras sem utilidade imediata, desinteressadas, excepcionais, obras que são formações plásticas nas quais se insere uma paixão, a paixão de um homem – o drama multifforme que nos prende, nos sacode, mexe conosco, nos emociona³. Ainda e sempre, há hierarquia. Existe a hora do trabalho, na qual nos desgastamos, e também a hora da meditação, na qual retomamos altura e reen-

1. Deve-se assinalar que não se conseguiu, no decorrer de trinta anos, encontrar um termo exato. Não será por essa atividade ser desprovida de exatidão, de sentido, e por não se poder assim classificá-la? Os alemães inventaram "Kunstgewerb" (Arte Industrial); é ainda mais equívoco! Esquecia o termo bem pejorativo de *arte aplicada*.

2. A arquitetura começa no ponto em que termina o cálculo.

3. E, claro, o mobiliário pode nos levar de volta à arquitetura e veremos, substituindo a decoração, surgir a arquitetura.

contramos o diapasão. Não convém misturar tudo; já não estamos numa época de dilettantismo, mas numa hora dura e épica, grave e violenta, apressada e produtiva, fecunda e econômica. Tudo se classifica; o trabalho e a meditação.

As classes também se classificam: aqueles que lutam pelo pedaço de pão têm o ideal de uma simples habitação decente (e adorarão ver o pior mobiliário, Henrique II e Luis XV, que lhes dará a sensação



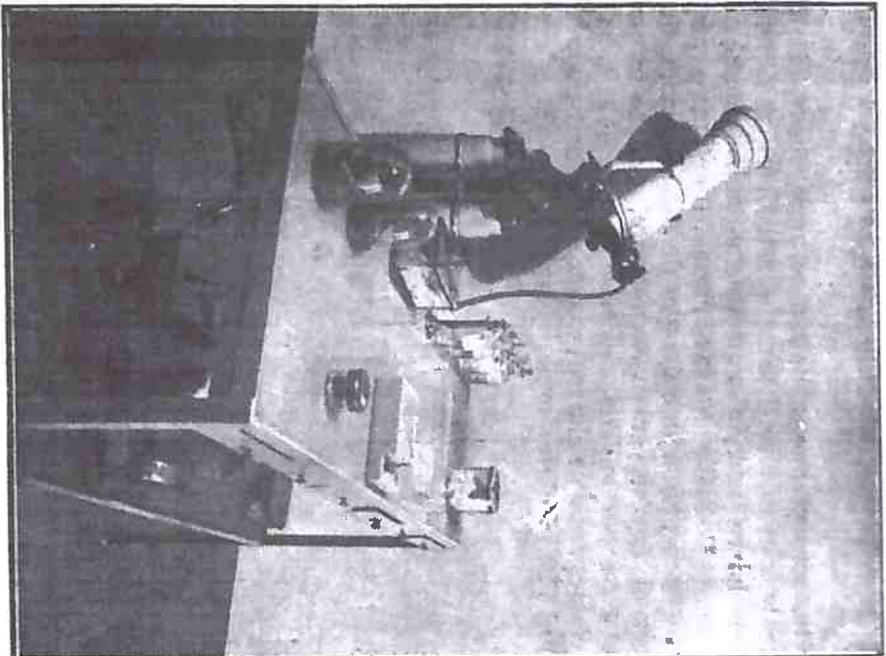
"A Tartaruga" Paris.

de riqueza – ideal primário); e aqueles que possuem o suficiente para poder e dever pensar (e aspirarão à sabedoria de Diógenes).

* * *

Outrora, o objeto decorado era raro e caro. Hoje, é inumerável e barato. Outrora, o objeto simples era inumerável e barato; hoje, é raro e caro. Outrora, o objeto decorado era um elemento meramente decorativo: o prato de família do camponês que se colocava na parede e o

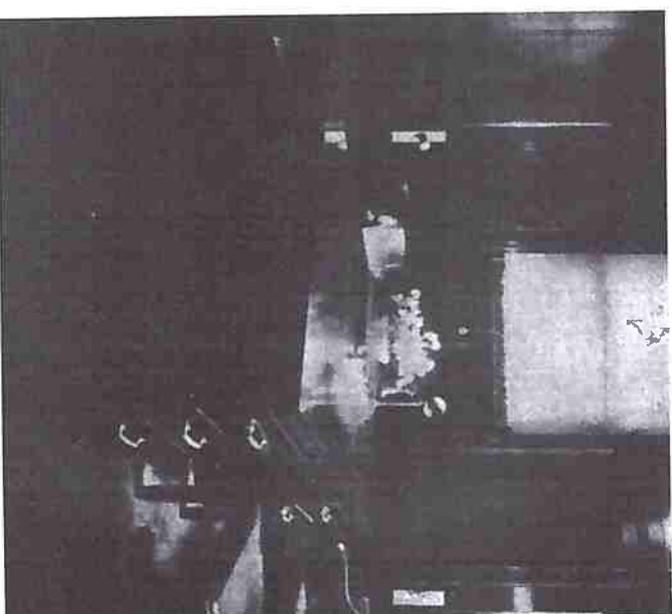
colete bordado dos dias de festa; os utensílios para impressionar dos príncipes. Hoje, o objeto decorado inunda as seções dos grandes magazines; é vendido barato às costureirinhas. Se é vendido barato, é porque é mal fabricado e a decoração esconde as falhas de sua fabricação e a má qualidade dos materiais empregados: a decoração camufla. As



Consultório de dentista do Dr. B.

572. 107. VIOLONS d'Indes, 1/2 45. n. 49 n. 57 n. 54. n. 85. n. 41 95. n. 1/4 48 n. 85 n. 86 n. 87 n. 88 n. 89 n. 90 n. 91 n. 92 n. 93 n. 94 n. 95 n. 96 n. 97 n. 98 n. 99 n. 100 n. 101 n. 102 n. 103 n. 104 n. 105 n. 106 n. 107 n. 108 n. 109 n. 110 n. 111 n. 112 n. 113 n. 114 n. 115 n. 116 n. 117 n. 118 n. 119 n. 120 n. 121 n. 122 n. 123 n. 124 n. 125 n. 126 n. 127 n. 128 n. 129 n. 130 n. 131 n. 132 n. 133 n. 134 n. 135 n. 136 n. 137 n. 138 n. 139 n. 140 n. 141 n. 142 n. 143 n. 144 n. 145 n. 146 n. 147 n. 148 n. 149 n. 150 n. 151 n. 152 n. 153 n. 154 n. 155 n. 156 n. 157 n. 158 n. 159 n. 160 n. 161 n. 162 n. 163 n. 164 n. 165 n. 166 n. 167 n. 168 n. 169 n. 170 n. 171 n. 172 n. 173 n. 174 n. 175 n. 176 n. 177 n. 178 n. 179 n. 180 n. 181 n. 182 n. 183 n. 184 n. 185 n. 186 n. 187 n. 188 n. 189 n. 190 n. 191 n. 192 n. 193 n. 194 n. 195 n. 196 n. 197 n. 198 n. 199 n. 200 n. 201 n. 202 n. 203 n. 204 n. 205 n. 206 n. 207 n. 208 n. 209 n. 210 n. 211 n. 212 n. 213 n. 214 n. 215 n. 216 n. 217 n. 218 n. 219 n. 220 n. 221 n. 222 n. 223 n. 224 n. 225 n. 226 n. 227 n. 228 n. 229 n. 230 n. 231 n. 232 n. 233 n. 234 n. 235 n. 236 n. 237 n. 238 n. 239 n. 240 n. 241 n. 242 n. 243 n. 244 n. 245 n. 246 n. 247 n. 248 n. 249 n. 250 n. 251 n. 252 n. 253 n. 254 n. 255 n. 256 n. 257 n. 258 n. 259 n. 260 n. 261 n. 262 n. 263 n. 264 n. 265 n. 266 n. 267 n. 268 n. 269 n. 270 n. 271 n. 272 n. 273 n. 274 n. 275 n. 276 n. 277 n. 278 n. 279 n. 280 n. 281 n. 282 n. 283 n. 284 n. 285 n. 286 n. 287 n. 288 n. 289 n. 290 n. 291 n. 292 n. 293 n. 294 n. 295 n. 296 n. 297 n. 298 n. 299 n. 300 n. 301 n. 302 n. 303 n. 304 n. 305 n. 306 n. 307 n. 308 n. 309 n. 310 n. 311 n. 312 n. 313 n. 314 n. 315 n. 316 n. 317 n. 318 n. 319 n. 320 n. 321 n. 322 n. 323 n. 324 n. 325 n. 326 n. 327 n. 328 n. 329 n. 330 n. 331 n. 332 n. 333 n. 334 n. 335 n. 336 n. 337 n. 338 n. 339 n. 340 n. 341 n. 342 n. 343 n. 344 n. 345 n. 346 n. 347 n. 348 n. 349 n. 350 n. 351 n. 352 n. 353 n. 354 n. 355 n. 356 n. 357 n. 358 n. 359 n. 360 n. 361 n. 362 n. 363 n. 364 n. 365 n. 366 n. 367 n. 368 n. 369 n. 370 n. 371 n. 372 n. 373 n. 374 n. 375 n. 376 n. 377 n. 378 n. 379 n. 380 n. 381 n. 382 n. 383 n. 384 n. 385 n. 386 n. 387 n. 388 n. 389 n. 390 n. 391 n. 392 n. 393 n. 394 n. 395 n. 396 n. 397 n. 398 n. 399 n. 400 n. 401 n. 402 n. 403 n. 404 n. 405 n. 406 n. 407 n. 408 n. 409 n. 410 n. 411 n. 412 n. 413 n. 414 n. 415 n. 416 n. 417 n. 418 n. 419 n. 420 n. 421 n. 422 n. 423 n. 424 n. 425 n. 426 n. 427 n. 428 n. 429 n. 430 n. 431 n. 432 n. 433 n. 434 n. 435 n. 436 n. 437 n. 438 n. 439 n. 440 n. 441 n. 442 n. 443 n. 444 n. 445 n. 446 n. 447 n. 448 n. 449 n. 450 n. 451 n. 452 n. 453 n. 454 n. 455 n. 456 n. 457 n. 458 n. 459 n. 460 n. 461 n. 462 n. 463 n. 464 n. 465 n. 466 n. 467 n. 468 n. 469 n. 470 n. 471 n. 472 n. 473 n. 474 n. 475 n. 476 n. 477 n. 478 n. 479 n. 480 n. 481 n. 482 n. 483 n. 484 n. 485 n. 486 n. 487 n. 488 n. 489 n. 490 n. 491 n. 492 n. 493 n. 494 n. 495 n. 496 n. 497 n. 498 n. 499 n. 500 n. 501 n. 502 n. 503 n. 504 n. 505 n. 506 n. 507 n. 508 n. 509 n. 510 n. 511 n. 512 n. 513 n. 514 n. 515 n. 516 n. 517 n. 518 n. 519 n. 520 n. 521 n. 522 n. 523 n. 524 n. 525 n. 526 n. 527 n. 528 n. 529 n. 530 n. 531 n. 532 n. 533 n. 534 n. 535 n. 536 n. 537 n. 538 n. 539 n. 540 n. 541 n. 542 n. 543 n. 544 n. 545 n. 546 n. 547 n. 548 n. 549 n. 550 n. 551 n. 552 n. 553 n. 554 n. 555 n. 556 n. 557 n. 558 n. 559 n. 560 n. 561 n. 562 n. 563 n. 564 n. 565 n. 566 n. 567 n. 568 n. 569 n. 570 n. 571 n. 572 n. 573 n. 574 n. 575 n. 576 n. 577 n. 578 n. 579 n. 580 n. 581 n. 582 n. 583 n. 584 n. 585 n. 586 n. 587 n. 588 n. 589 n. 590 n. 591 n. 592 n. 593 n. 594 n. 595 n. 596 n. 597 n. 598 n. 599 n. 600 n. 601 n. 602 n. 603 n. 604 n. 605 n. 606 n. 607 n. 608 n. 609 n. 610 n. 611 n. 612 n. 613 n. 614 n. 615 n. 616 n. 617 n. 618 n. 619 n. 620 n. 621 n. 622 n. 623 n. 624 n. 625 n. 626 n. 627 n. 628 n. 629 n. 630 n. 631 n. 632 n. 633 n. 634 n. 635 n. 636 n. 637 n. 638 n. 639 n. 640 n. 641 n. 642 n. 643 n. 644 n. 645 n. 646 n. 647 n. 648 n. 649 n. 650 n. 651 n. 652 n. 653 n. 654 n. 655 n. 656 n. 657 n. 658 n. 659 n. 660 n. 661 n. 662 n. 663 n. 664 n. 665 n. 666 n. 667 n. 668 n. 669 n. 670 n. 671 n. 672 n. 673 n. 674 n. 675 n. 676 n. 677 n. 678 n. 679 n. 680 n. 681 n. 682 n. 683 n. 684 n. 685 n. 686 n. 687 n. 688 n. 689 n. 690 n. 691 n. 692 n. 693 n. 694 n. 695 n. 696 n. 697 n. 698 n. 699 n. 700 n. 701 n. 702 n. 703 n. 704 n. 705 n. 706 n. 707 n. 708 n. 709 n. 710 n. 711 n. 712 n. 713 n. 714 n. 715 n. 716 n. 717 n. 718 n. 719 n. 720 n. 721 n. 722 n. 723 n. 724 n. 725 n. 726 n. 727 n. 728 n. 729 n. 730 n. 731 n. 732 n. 733 n. 734 n. 735 n. 736 n. 737 n. 738 n. 739 n. 740 n. 741 n. 742 n. 743 n. 744 n. 745 n. 746 n. 747 n. 748 n. 749 n. 750 n. 751 n. 752 n. 753 n. 754 n. 755 n. 756 n. 757 n. 758 n. 759 n. 760 n. 761 n. 762 n. 763 n. 764 n. 765 n. 766 n. 767 n. 768 n. 769 n. 770 n. 771 n. 772 n. 773 n. 774 n. 775 n. 776 n. 777 n. 778 n. 779 n. 780 n. 781 n. 782 n. 783 n. 784 n. 785 n. 786 n. 787 n. 788 n. 789 n. 790 n. 791 n. 792 n. 793 n. 794 n. 795 n. 796 n. 797 n. 798 n. 799 n. 800 n. 801 n. 802 n. 803 n. 804 n. 805 n. 806 n. 807 n. 808 n. 809 n. 810 n. 811 n. 812 n. 813 n. 814 n. 815 n. 816 n. 817 n. 818 n. 819 n. 820 n. 821 n. 822 n. 823 n. 824 n. 825 n. 826 n. 827 n. 828 n. 829 n. 830 n. 831 n. 832 n. 833 n. 834 n. 835 n. 836 n. 837 n. 838 n. 839 n. 840 n. 841 n. 842 n. 843 n. 844 n. 845 n. 846 n. 847 n. 848 n. 849 n. 850 n. 851 n. 852 n. 853 n. 854 n. 855 n. 856 n. 857 n. 858 n. 859 n. 860 n. 861 n. 862 n. 863 n. 864 n. 865 n. 866 n. 867 n. 868 n. 869 n. 870 n. 871 n. 872 n. 873 n. 874 n. 875 n. 876 n. 877 n. 878 n. 879 n. 880 n. 881 n. 882 n. 883 n. 884 n. 885 n. 886 n. 887 n. 888 n. 889 n. 890 n. 891 n. 892 n. 893 n. 894 n. 895 n. 896 n. 897 n. 898 n. 899 n. 900 n. 901 n. 902 n. 903 n. 904 n. 905 n. 906 n. 907 n. 908 n. 909 n. 910 n. 911 n. 912 n. 913 n. 914 n. 915 n. 916 n. 917 n. 918 n. 919 n. 920 n. 921 n. 922 n. 923 n. 924 n. 925 n. 926 n. 927 n. 928 n. 929 n. 930 n. 931 n. 932 n. 933 n. 934 n. 935 n. 936 n. 937 n. 938 n. 939 n. 940 n. 941 n. 942 n. 943 n. 944 n. 945 n. 946 n. 947 n. 948 n. 949 n. 950 n. 951 n. 952 n. 953 n. 954 n. 955 n. 956 n. 957 n. 958 n. 959 n. 960 n. 961 n. 962 n. 963 n. 964 n. 965 n. 966 n. 967 n. 968 n. 969 n. 970 n. 971 n. 972 n. 973 n. 974 n. 975 n. 976 n. 977 n. 978 n. 979 n. 980 n. 981 n. 982 n. 983 n. 984 n. 985 n. 986 n. 987 n. 988 n. 989 n. 990 n. 991 n. 992 n. 993 n. 994 n. 995 n. 996 n. 997 n. 998 n. 999 n. 1000

Artigos correntes.



City National Bank de Tuscaloosa. EUA.

manufaturas lucraram em pagar um decorador para camuflar os defeitos dos produtos fabricados, dissimular a pobreza dos materiais e distrair os olhos dessas falhas, oferecendo-lhes os acepipes condimentados das ourivesarias rutilantes e das sinfonias gritantes. A pacotilha sempre é decorada e em superabundância; o objeto de luxo é bem-feito, nítido e limpo, puro e sadio, e sua nudez revela sua boa fabricação. A indústria nos vale essa importante inversão das coisas: um aquecedor de ferro fundido transbordante de ornamentação custa menos do que um liso; nos ornatos de folhagens serrados e movimentados, não se vêem as

falhas da fundição. E assim por diante. Pegue uma chita e inunde-a de cor; a máquina de estampar a cobre instantaneamente com as decorações mais na moda (por exemplo, a cópia de mantilhas espanholas, de bordados búlgaros, de sedas de Teerã, etc.) e pode-se sem grandes custos dobrar o preço de venda. Estou de pleno acordo que às vezes é encanador, e alegre, e totalmente adequado às costureirinhas, e desejo que isso dure: é primavera!! Mas essa riqueza de superfície, se estendida

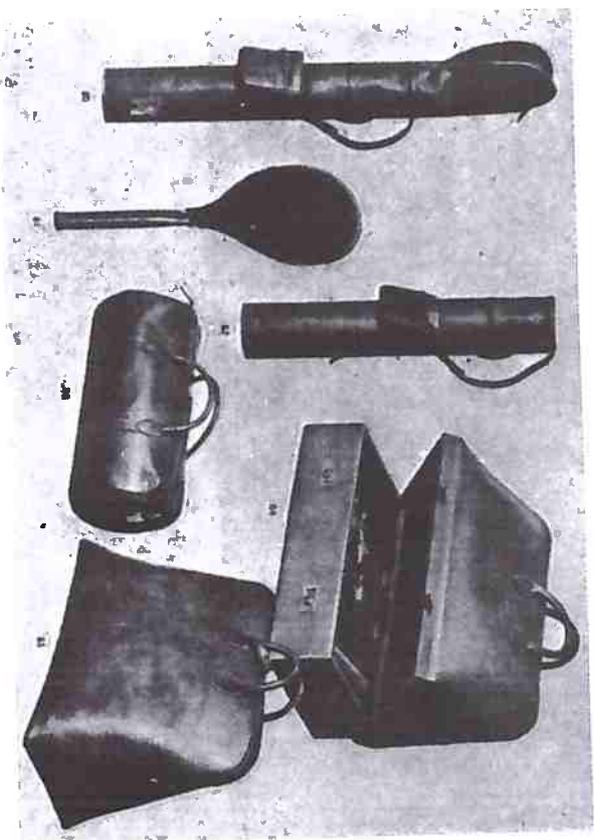


Hernès, Paris.

sem discernimento a absolutamente tudo, torna-se repugnante e escandalosa; cheira a falsificação, e a bela e alegre saúde da costureirinha em seu vestido de cretone florido se torna baixa podridão em meio aos cafetões Renascença, às mesas de fumar turcas, às sombrinhas japonesas, aos pincos ou bidês estilo Lunéville ou Rouen, aos perfumes tipo Bichara, aos abajures tipo lupanar, às almofadas em forma de abóbora, aos divãs onde se exibem os lamês de ouro e de prata, os veludos

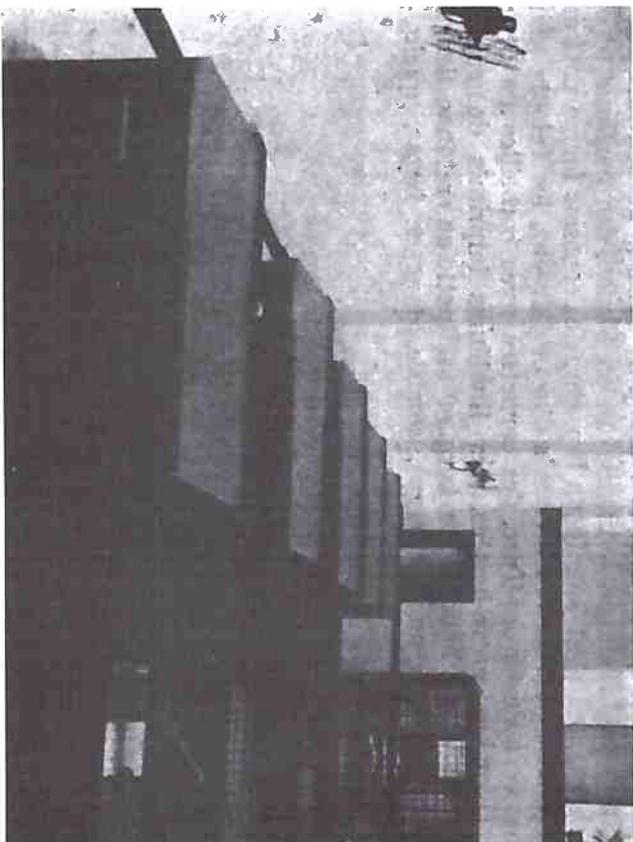
pretos com borlas de grão-turco, tapetinhos com cestos de flores e pombas se beijando, linóleos estampados de fitas Luís XVI. A linda pastorinha costureirinha de cretone florido, fresca como a primavera, parece, nessa barafunda, alguma aparição repulsiva dessas vitrinas de trajes históricos dos museus etnográficos.

Não só esse afluxo de falsa riqueza é indecente, mas sobre tudo, e acima de tudo, esse espírito de decorar tudo à volta de si é um espírito



Hernès, Paris.

falso, uma abominável pequena perversão. Inverto o quadro: a pastora costureirinha está num agradável quarto claro e limpo, paredes brancas, boa cadeira de palha ou de Thonet, mesa do Bazar de l'Hôtel-de-Ville (tradição Luís XIII, belíssima mesa) pintada de esmalte. Uma boa luminária bem polida, aparelho de porcelana branca; e sobre a mesa percebe-se que três tulipas num vaso são uma presença principesca. É sadio, claro, decente. E para essa formosura, basta tão pouco.

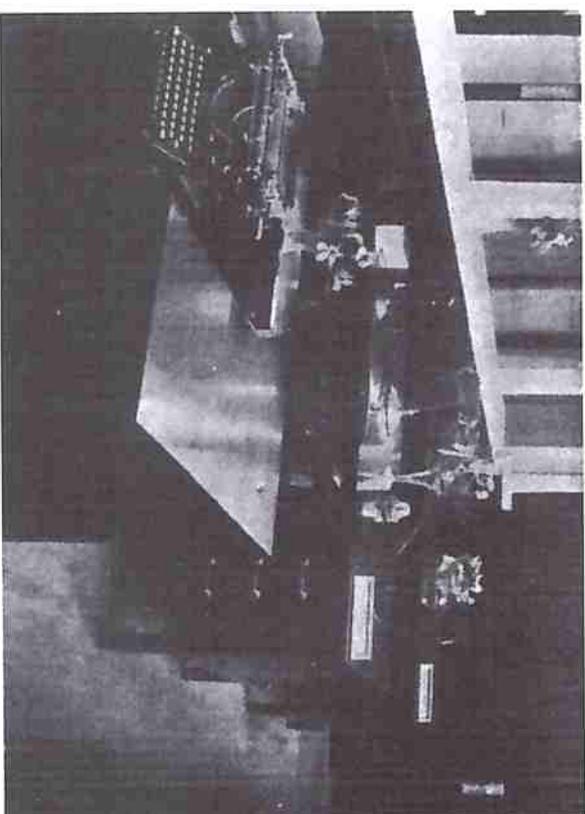


City National Bank de Tuscaloosa, EUA.

Por certo, a arte decorativa moderna dos decoradores se propõe outro objeto, e é justo constatar que o quadro acima só pinta a vulgarização de intenções muito mais dignas. É então que, buscando a linha diretriz dessas intenções, chegaremos ao impasse da arte decorativa; chegaremos à arte decorativa sem decoração. E constataremos que esta arte sem decoração não é feita por artistas, mas pela indústria anônima que segue sua rota aérea e límpida da economia.

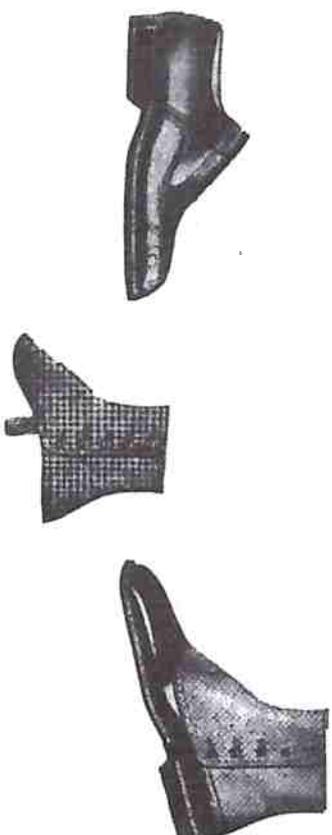


Artigos fabricados em série.



City National Bank de Tuscaloosa, EUA.

A linha diretriz dos decoradores com intenções nobres é satisfazer às alegrias de viver de uma clientela culta. Por causa das modas, das campanhas livrescas, dos esforços constantes de toda uma geração de decoradores, esta viu seus gostos fortemente despertados pelas coisas da arte. Existe hoje um vivo interesse estético e o gosto por uma arte contemporânea que atende a exigências infinitamente mais refinadas e a um espírito novo. Logo, uma evolução característica dirigida a ten-

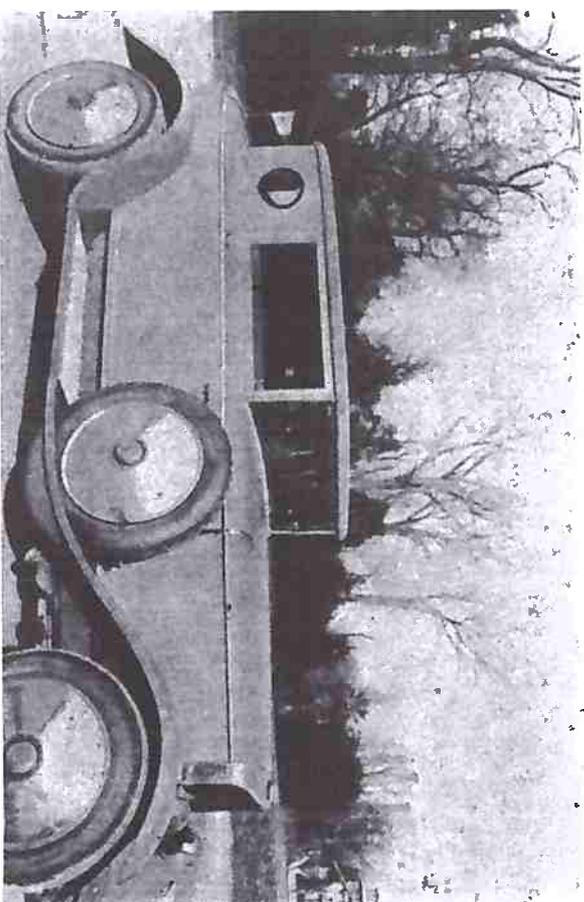


Sademe, Paris.



Vidros e louças do comércio.

dências de espírito novo; a experiência da decoração artística, feita desde 1900 até a guerra, mostrou o impasse da decoração e a fragilidade de uma concepção que pretende fazer de nossas ferramentas objetos sentimentais, objetos que expressam estados de alma individuais. Insurgiram-se as pessoas contra essa presença importuna e furtam-se a ela. Dia a dia, em contrapartida, assinalaram-se entre a produção industrial os objetos perfeitamente convenientes, perfeitamente úteis,

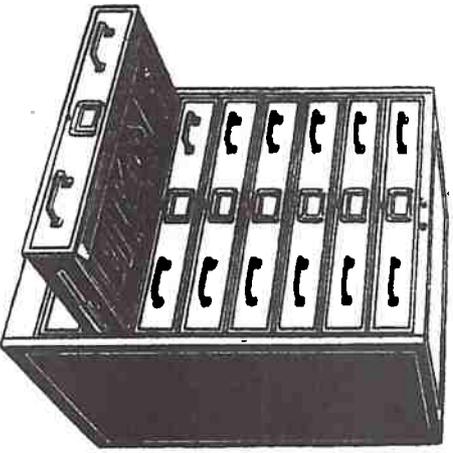


Peugeot. - 1º prêmio no concurso de elegância de Hyères.

de cuja elegância de concepção, pureza de execução e eficácia de serviços, emana um verdadeiro luxo, que deleita nosso espírito, São tão bem ajustados que os sentimos harmoniosos, e essa harmonia é suficiente para nos satisfazer plenamente.

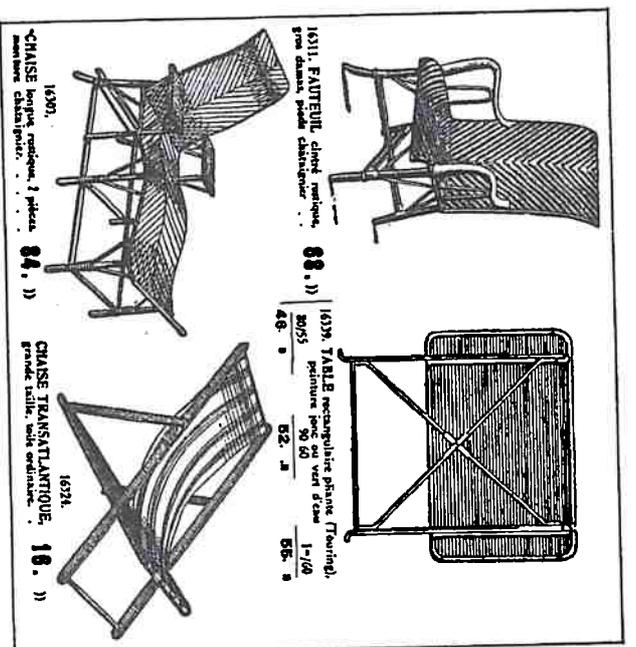
Chegamos então a nos perguntar, tendo-nos esclarecido e estando livres da bagagem romântica e ruskiniana que fizera nossa educação, se esses objetos novos não são daqueles que podem nos convir e se essa perfeição racional e determinação precisa, particulares a cada um deles, não criam suficientes vínculos de solidariedade entre eles para que seja permitido reconhecer-lhes um *estilo*!

Vimos que, desembaraçando-se de toda recordação e de todas as amarras tradicionais, o homem proporcionou à sua criação um rigor racional tranquilizador. A escolha de seu material só fora ditada, em primeiro lugar, por razões de solidez, de leveza, de economia, de durabilidade; assim, muitas vezes, um objeto executado em madeira há séculos era adaptado ao metal, ao ferro, tais como os móveis de escritório dos quais se exigia uma precisão de mecanismo totalmente nova. Tal como a poltrona Voltaire que se tornava uma máquina de sentar inteiramente diferente, quando foi executada em couro.

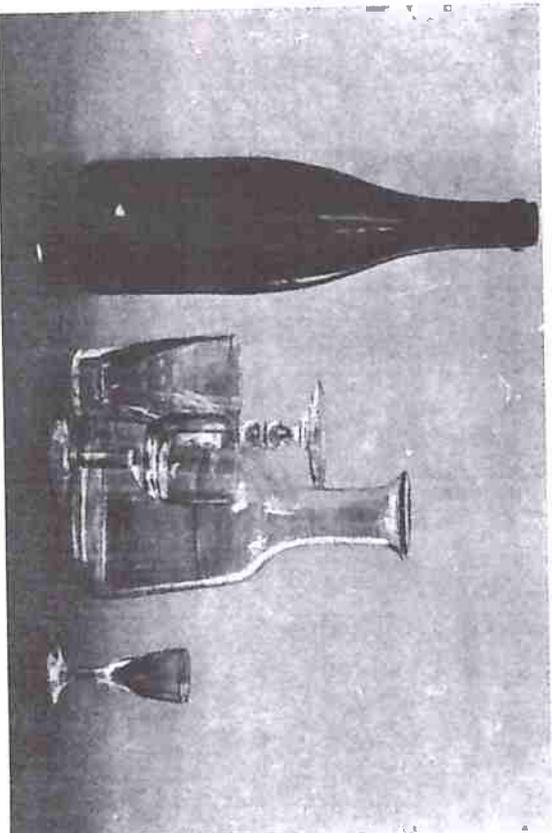


Móveis de aço Ormo.

Como consequência dessa apropriação a um novo material, a estrutura foi transformada, por vezes radicalmente; formas novas por muito tempo nos chocaram e, regra fatal, provocaram um violento retorno *nacionalista* (ler regionalista), apelo ao artesanato oposto à máquina considerada como a hídra moderna. Estéril reação: não se nada contra a corrente, e a máquina que trabalha pura e exatamente dissipa desde hoje esse refluxo anacrônico. Deixemos apagar-se suavemente uma ou duas gerações educadas na religião da pátina e da "habilidade manual". As jovens gerações nascem na nova luz e vão naturalmente e com entusiasmo às verdades simples. Lembro que uma lâmpada elétrica, quando for um dia com toda a simplicidade *pesada* na oficina de desenho de uma empresa fabricante de lustres



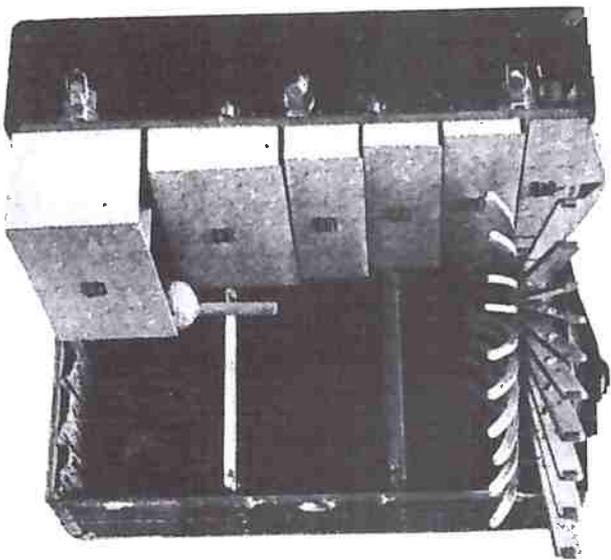
Artigos correntes.



Vidros do comércio.

artísticos, pesará muito com seus meros 50 grammas na balança que julgará do destino dessas indústrias votadas ao desaparecimento; a firma técnica substituirá a firma artística: está escrito.

Assim, à medida que materiais novos e formas novas eram impreterivelmente introduzidas nas indústrias de arte decorativa pelo deus todo-poderoso do preço de custo e da eficácia, espíritos alertas e



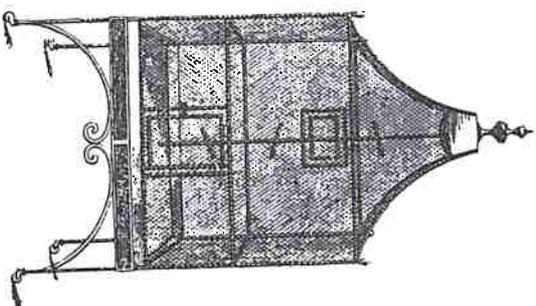
Mala "Innovation".

curiosos notavam de passagem as leis de constância que ditavam a formação desses objetos novos. Essas leis de constância afetavam todas as coisas com um índice comum e a segurança que traziam ao espírito constituía as bases de um sentimento novo da harmonia.

Detendo-nos para refletir sobre o caso, somos levados a admitir que não há necessidade de uma espera maior por objetos úteis.

Sem revolução de barricadas, sem tiros, mas por uma simples evolução acelerada pelo ritmo rápido da época, vemos a arte decorativa em declínio e notamos que a quase histórica corrida destes últimos anos para a decoração quase orgânica é apenas o derradeiro espasmo de uma morte já previsível.

Diante dessas evidências sucessivas e consecutivas o bom senso repelia a tendência ao luxo, inapto para nos convir. A última linha de recuo que se registrou é essa devoção aos *belos materiais*, que conduz a um verdadeiro bizantinismo. O último entrincheiramento do fausto está nos mármore polidos com veios inquietantes, nos folheados de madeiras raras que nos assombrom tanto quanto colibris, nas *pâtes de*

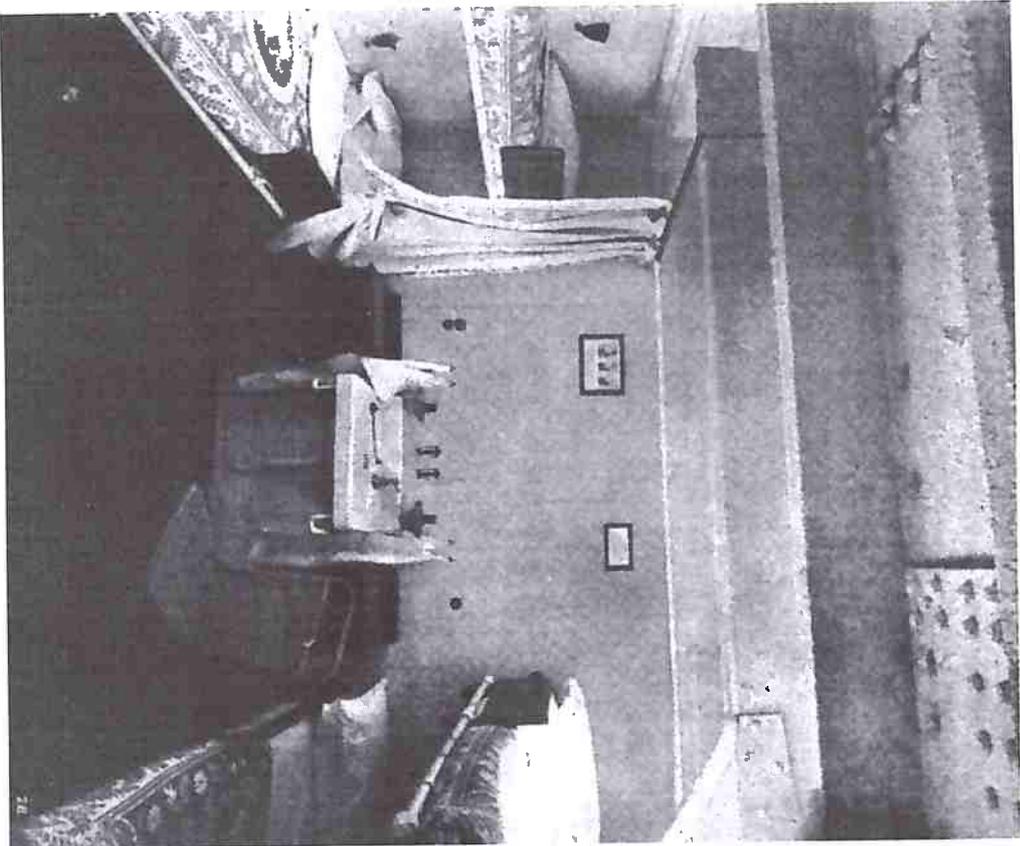


N^o 123
Vasite reuangularite
de 60x50. BeXje 100X50, 110X51

*verre**, nas lacas que copiaram dos mandarins *seus excessos* e os tornam seu ponto de partida de aspirações artificiais. A Chefatura de Polícia de Paris se pôs simultaneamente à caça dos vendedores de coca. Tudo isso está relacionado: nervos desmoteados do pós-guerra e um sangue inflamado gostam de se gelar no contato desses materiais desuma-

* Um tipo de vidro submetido a uma série de operações a frio antes do cozimento. Pode-se obter, com essa massa, efeitos semi-opacos, comparáveis aos da porcelana, ou translúcidos, como os do vidro. Técnica empregada pelos antigos egípcios em suas jóias, foi reinventada, em 1884, pelo escultor francês Henri Cros, que a utilizou em esculturas policromadas. A *pâte de verre* foi mais tarde adaptada para a decoração arquitetônica, como frisos modelados e coloridos na massa.

nos que nos mantêm à distância; eles nos ofereceriam, por outro lado, uma parcela sutil do milagre natural; mas uma ganga de ametista serra-



Cabine de um navio.

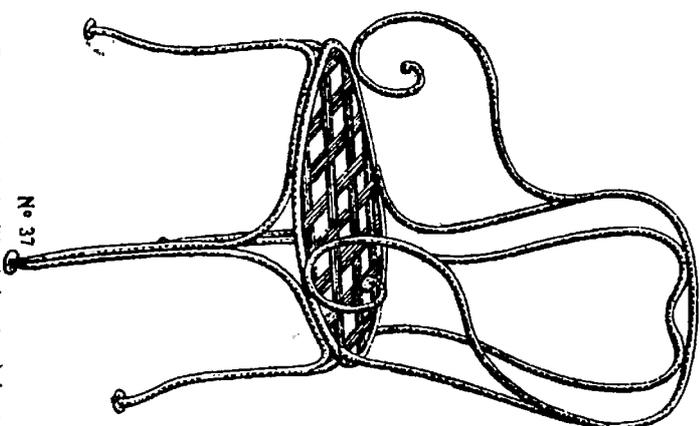
da e polida ou um cristal de rocha colocado sobre minha mesa de trabalho é um testemunho também eloqüente, e muito mais confortável, das geometrias fasciantes que nos enlevam e que com alegria encontramos no fenômeno natural. Quando nos acontece penetrar num desses

santuários enevoados onde se aluminiam tantos reflexos sorrateiros entre os mármores pretos ou brancos, entre os ouros e as lacas vermelhas ou azuis, somos tomados de um mal-estar, de uma angústia: gostaríamos de sair de um covil, fugir para o ar livre, ou sentarmo-nos sossegados e confiantes em determinada cela do convento de Fiesole ou, mais simplesmente ainda, começar a trabalhar em determinado escritório de fábrica moderno, retilíneo e claro, pintado de esmalte branco, onde reinam a atividade sadia e um otimismo laborioso.

A religião dos belos materiais ainda não é mais que o espasmo deradeiro de uma agonia.

* * *

Nesses anos passados, assistimos às sucessivas etapas do acontecimento: com a construção metálica, a *dissociação entre a decoração e a estrutura*. Depois, a moda de *acusar a construção*, indício de uma formação nova. Depois, o deslumbramento ante a *natureza*, revelando o desejo



Fauteuil fond (euillard dossier à lyre
Nº 37

de reencontrar (por que esquisito desvio de aplicação!) as leis de um *organismo*. Depois, a mania do *simples*, primeira tomada de contato com as verdades da mecânica, que nos leva de volta ao bom senso, e instintiva manifestação de uma estética de época.

Pode-se fechar o círculo: um clique no espírito, uma classificação, e virá a expressão liberada de um sentimento normal das coisas de nossa existência, que discrimina as coisas intensivamente práticas do trabalho daquelas intensamente livres, vivas e ideais do espírito.



8

A máquina, fenômeno moderno, opera no mundo uma reformulação do espírito.

Contudo, intacto, o fator humano permanece, pois a máquina foi concebida pelo homem para necessidades humanas.

A máquina é construída a partir do sistema mental que o homem elaborou para si e não a partir de uma fantasia, sistema que lhe constitui um universo tangível; esse sistema, arrancado, artigo por artigo, do mundo que nos rodeia, é bastante coerente para determinar a criação de órgãos que cumprem funções semelhantes aos fenômenos naturais.

A máquina é toda de geometria. A geometria é nossa grande criação e nos enleva.

A máquina faz brilhar à nossa frente discos, esferas, cilindros de aço polido, de aço talhado com uma precisão de teoria e uma acuidade que jamais nos mostrou a natureza. Os sentidos ficam emocionados ao mesmo tempo que nossa mente reencontra no estoque de nossas recordações os discos, as esferas dos deuses do Egito e do Congo. Geometria e deuses pontificam juntos!

O homem pára diante da máquina, o animal e o divino nela se saciam.

A lição da máquina está na relação pura de causa e efeito. Pureza, economia, tensão rumo à sabedoria. Um desejo novo: uma estética de pureza, de exatidão, de relações perturbadoras, que vão acionar as engenhagens matemáticas de nossa mente: espetáculo e cosmogonia.

André Salmon devant d'elles commenté à Piseville, Bouv-
ord, le ponton à Kemling. C'est la gloire, souffre...

Etelle Robert — Il me reste peu de lignes pour dire
la partie que les arts appliqués français viennent de faire
en la personne du ferronnier Emile Robert. Havaud et
Robert nous quittent la même année. Tous deux avaient
la valeur du talent de la main, et précédaient contre le
soubotage mécanique en série. Un Robert, rénovateur du
fer forgé, est le digne petit-fils du Jean Lamour, de la
place Stanislas. Robert obéissait aux lois de la matière,
en commandant à cette matière même. Il fallait voir, en
son atelier, ce grand artisan forgeant une pièce délicate
au feu de bois. Entre ses doigts nouveaux mais si précis
l'honneur, le fer devenait la plus douce et la plus ductile. Il
ne passerait jamais les portes ajourées du Musée des Arts
décoratifs sans songer au maître de Meun. De tous ses
disciples actuels, le plus fort et le plus artiste est Richard
Desvallières.

Pinetrichio.

Le Camus ORL
Lima, na
juin 1914

A LIÇÃO DA MÁQUINA

Paul explicou-lhe a admiração que tinha pela máquina. Seus impe-
tos eram vívidos, suas idéas justas, embora um tanto confusas. Nasceria
naquele momento em que a própria máquina — a verdadeira máquina,

aquela que deveria modificar profundamente nossa existência — também nascia. Naquele tempo, que não está longe, dizia-se “feito como uma máquina”. Suas idéias sobre a arte haviam-se desenvolvido num meio de jovens entusiastas, seus amigos, que Rodin levava ao êxtase. Era a moda de então, digamos com mais generosidade, era uma fuga plausível do impasse ao qual se encaminhavam as artes; fuga de náufragos que, ao afundarem, viam passar um navio fantasma. O despertar é duro: o salvamento era ilusório. Tornado homem, ele havia visto de pressa e sem ter necessidade de se aprofundar muito — o nada de Rodin; de Rodin, ou seja, desse ciclo de idéias que o haviam formado, a bem dizer, dessa formação de espírito perigosamente oscilante sobre um mundo também oscilante e cuja cabeça voltada para o lado errado encruta horizontes estêreos, horizontes que jamais surgirão, pois que, precisamente, estão desmoronando, já tendo sido percorridos.

Depois, passada essa adolescência, as lutas cruas daquele que está entrando na vida. Tudo está por conhecer de uma só vez, tudo se lança em sua cara de uma só vez para machucar você... O milagre: viagens, anos de burburinho e, de súbito, uma visão diferente, nítida, continuamente e contrária das coisas: “Ah! isso”, dizia-se Paul, “mas é completamente diferente; eles mentiram para mim, os mestres; portanto não viam nada; estão incrustados dentro de uma ganga opaca; vejo à minha volta, e há um mundo que está organizado, se organizou, se organiza, se enuncia, se forma, adquire polimento; um mundo que tem um sentido, um sentido tal que ele dita sua lei, lei que todos seguem, todos obrigados a participar de seus acontecimentos.

Paul, poeta boêmio, descobre a máquina! O homem se reergueu como um gigante; forjou uma ferramenta. Já não trabalha com as mãos. Sua mente comanda. Delegou à máquina o trabalho de suas mãos pesadas e inábeis. Sua mente liberada trabalha livremente. Em papel quadriculado, desenha as curvas ousadas de sonhos. A máquina torna realidade os sonhos. O homem descobriu um modo de fazer *com que se trabalhe para ele*, e calma, impecável, impavidamente. Tomando este comando que é a geometria mais recuada, tanto a dos egípcios como a dos gregos, suscitou um povo de escravos engenhosos e fabulosamente hábeis, as máquinas! Ordena a criação de produtos polidos e estritamente puros — a seus olhos pelo menos —; os produtos afluem, reluzentes, nítidos, contudentes, redondos como esferas ideais, esbeltos como um chicote, rápidos como o raio. A obra é tão maravilhosa que, quando os produtos vivem, funcionam, trabalham, seu movimento ultrapassava nosso entendimento e nossa capacidade de registro; nossos olhos pis-

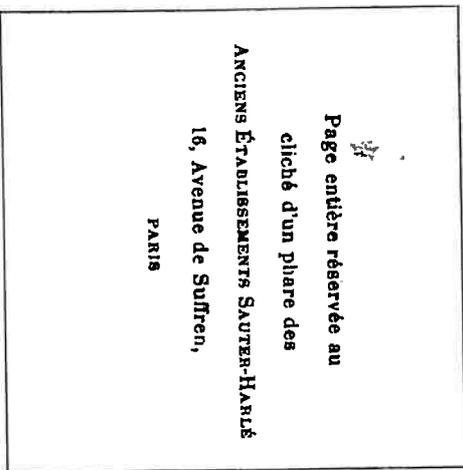
cam, nossos ouvidos zumbem. Despertam novos órgãos em nós; outro diapásão, outra visão. “O homem”, concluiu Paul, “age como Deus, na perfeição.”

Seu entusiasmo foi imenso e ele conheceu a beleza da máquina. A sensação de alegria que recebia era a de reconhecer seres organizados. Organizados como seres vivos, espécie de bichos fortes ou delicados, espantosamente hábeis e que *nunca* se enganam, pois seus atos são absolutos. Ele concebia que as igrejas fossem abandonadas e que os espíritos ágeis se transportassem para lá, para aquela terra de gênese onde seres eram feitos.

Lá reencontrava, diabólicamente perfeitas e imutavelmente exatas, as funções que observara na natureza e que lhe haviam dado o júbilo ou o calafrio: a serpente que ondula, o gafanhoto que salta, o pássaro planador, majestoso, o peixe suspenso no fluido e evoluindo com a mais pura harmonia, o caranguejo que agarra, a mandbula que tritura, a mão que aperta e o pé do dinossauro que, num pesadelo, esmaga. Suas emoções não eram mesquinhas, mas em constante correlação com sensações poéticas sentidas quando os acontecimentos o haviam levado a pensar e a incluir em sua lembrança uma comoção cuja marca não mais se apagaria; emoções que são as nossas percepções pessoais da vida e que constroem nosso ser afetivo.

Essas eram as máquinas básicas, as máquinas com funções simples, expressão direta da cinemática da qual compreendia tudo na simplicidade inteligente.

Noutras ocasiões permanecera calado ante a desnortante complexidade dos órgãos, ante a delicada minúcia ou a potência titânica de seus gestos. Uma turbina, da qual só via o envoltório, mas cujo assustador troar escutava, assombrava-o por saber que, como resultado daquele barulho, estava se passando algo dentro daqueles fios, daqueles cabos que levavam até a extremidade do país luz e energia, e a morte para quem neles tocava. Aquele farol da Sauter-Harlé, que se erguia como o mais puro dos deuses negros, enviava a distâncias fabulosas um raio de intensa luz no auge das noites de temporal sobre o oceano. Esse microscópio, espécie de ourivesaria para um rei de amanhã, revelava coisas inconcebíveis que deixavam você perturbado. Ele se encontrava no sonho, ante os auspícios da Torre Eiffel — a qual, disseram-lhe, é calculada com base em curvas da maior resistência, que vemos seguir direções misteriosas mas exatamente matemáticas dentro de um fêmur seriado longitudinalmente —, ele havia inspecionado, sem deles compreen-



EXEMPLES D'UNE HISTOIRE DE CLICHÉS :

Mai 1924. Foire de Paris, Stand de l'Électricité : demande d'une photo du grand phare exposé par Sauter-Harlé.
Début Juillet : 1^{er} téléphone pour réclamer le document (pour parler avec plusieurs chefs de service, exposés de nos buts, moyens, etc., etc...).
Quelques jours après : second téléphone (mêmes discours).
Quelques jours plus tard : visite d'un des directeurs de L'Esprit Nouveau aux Établissements Sauter-Harlé; attente de 1 h. 1/2 dans les antichambres. Premier ingénieur, chef de service : exposé du but de la visite. Deuxième ingénieur : second exposé. Troisième ingénieur (enfin compétent!) : troisième exposé. Accueil plein de réserve : "Écrivez à la direction, à M. W... en exposant votre projet, vos buts, vos moyens et en spécifiant bien que ce sera entièrement gratuit".
Le même jour : lettre d'exposé complet avec rappel des... stations du col-vaire !
30 Juillet : troisième coup de téléphone ; réponse : " on ne sait pas. "
31 Juillet : quatrième coup de téléphone ; réponse : " on ne sait pas. "
1^{er} Août : cinquième téléphone au patron M. W... Exposé général. M. W... demande qu'on écrive en envoyant un numéro de la revue, car M. R... autre patron, a déclaré qu'il ne donnerait pas la photo pour L'Esprit Nouveau. Même jour, une demi-heure après, last. Visite de l'un des directeurs de L'Esprit Nouveau à M. W... Pas d'attente d'antichambre. M. W... fait un interrogatoire serré ; exposé détaillé des buts, des moyens, etc. Conclusion de M. W... : " Je vous téléphonerai lundi le soir réservé à votre requête ".
M. W... s'en va, sans solution.
Depuis 15 jours les Établissements Sauter-Harlé savent que nous tirons notre N^o 25 et qu'aujourd'hui est le dernier jour ! Mentalité fréquente de l'ingénieur drapé dans la haute fierté du chiffre. Incompréhension totale de ce qui n'est pas l'étroit champ de ses investigations. Telle est l'histoire d'un cliché, exemple entre tant d'autres, désespérant. On ne se comprend pas.

der muita coisa, os vestíbulos da mecânica e da electricidade; tudo lá o abalara, mesmo o espantoso gosto das cores que esses mecânicos empregam para ornar suas mercadorias.

Houvera o embasbacamento com a precisão, precisão de um coeficiente *n* atingido nesse dia. Contudo, ele bem o sentia, nossos filhos rião desse embasbacamento dentro de vinte anos! O coeficiente *n* deles seria *n*!, totalmente diferente!

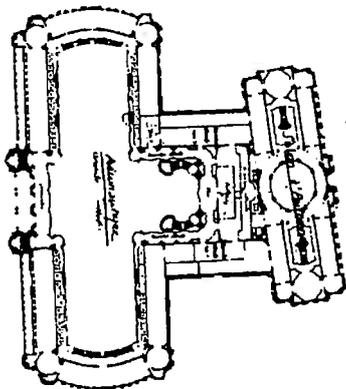
Houvera a vertigem da velocidade, provocada por órgãos que giravam tão depressa que nada mais se via, senão um chamalote cambiantes, velocidade que dá medo. E houvera a vertigem da lentidão, de ritmos tão retardados mas tão precisos, tão fora da prática de nossos gestos, que também aí sentia medo.

O ruído é tão redondo quando algo gira a 4.000 rotações que ele pensava mesmo numa mudança progressiva de sua função acústica. Paganini é um pobre "fracassado", dizia consigo mesmo; a execução de *Il trillo del diavolo* por dedos humanos dá em diante chocou-lhe o ouvido. O homem que se esforçava para tocá-lo tinha o ar de um desvairado; Paul imaginava, olhando-o com curiosidade, o outro homem, que abaixa com uma pressão do dedo uma alavanca para fazer funcionar uma turbina; que ruído então? Prova de que a virtuosidade está fora da arte, fora da perenidade; a acrobacia pertence ao circo, onde o problema continua em pé nessa especialidade.

Havia um grande orgulho diante de tal revelação de poder. Nela media também uma beleza objetiva, uma harmonia, e ainda uma beleza subjetiva; *era algo que lhe suscitava o entusiasmo.*

Mas Paul sentia opor-se ao acontecimento novo o estoque de suas certezas adquiridas pela transfusão que seus mestres haviam operado. Decidido a tudo negar, avaliava-se por outro lado sem preparo para julgar, qualificar e trabalhar por si só.

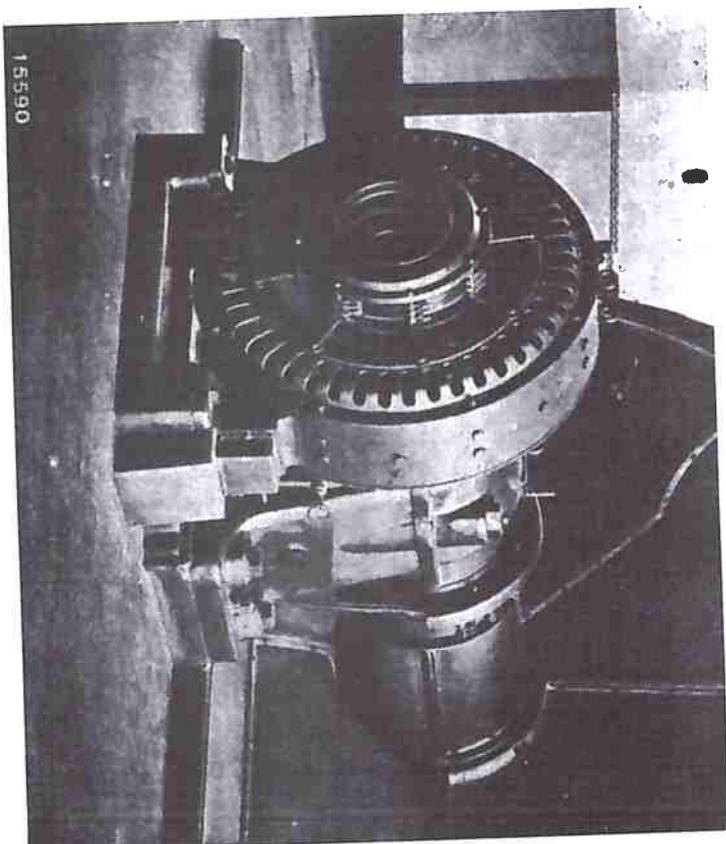
Salão de Outono.



Salão da Aeronáutica.

Ele, o amigo, nada tinha para contradizer aos entusiasmos de Paul; compartilhava-os. Mas era demasiado artista para não ter, há muito tempo, buscado uma explicação para a emoção que também havia sentido e, sobretudo, para não ter, de há muito, procurado vencer o profundo desencorajamento que o invadira quando, por exemplo, passando do desencorajamento que o invadira quando, por exemplo, passando sem transição em 1921 do *Salão de Outono* ao da *Aeronáutica*, no mesmo *Grand Palais*, sentira-se esmagado pelo esplendor da máquina e voltara ao seu ateliê tomado de dúvida e de negação. Reagira desobediendo a relação fecunda que podia unir a obra de arte que perseguia à máquina que admirava. Tentou dar a Paul a lição recebida da máquina: a máquina é um acontecimento tão capital na história humana, que é permitido designar-lhe um papel de condicionamento do espírito, papel tão decisivo e tão mais extenso do que o imposto nas eras passadas pelas hegemonias guerreiras ao substituírem uma raça por outra raça. A máquina não opõe uma raça a outra raça, mas um mundo novo a um mundo antigo na unanimidade de todas as raças.

A máquina, fenômeno moderno, opera no mundo uma reforma do espírito. Uma prova tangível de que estamos muito longe do termo da evolução começa a ser a de que ainda não está em uso uma língua universal, que derrubaria essa alta barreira de papelão erguida no lugar das



Brown-Boveri.

fronteiras de agora em diante subjugadas, barreiras de noite num local que se ilumina.

Intacto, o fator humano permanece, pois a máquina foi concebida pelo homem para necessidades humanas; aí está o elemento sólido e eficaz: a máquina é construída a partir do sistema mental que elaboramos para nós e não a partir de uma fantasia, sistema que nos constitui um universo tangível; esse sistema, arrancado, artigo por artigo, do mundo que nos rodeia e do qual participamos, é bastante coerente para determinar a criação de órgãos que cumpram funções semelhantes aos fenômenos naturais. Verificação tranquilizadora.

O milagre da máquina consiste, pois, em ter criado órgãos harmoniosos, pelos menos de uma harmonia que se aproxima da perfeição, medida que a experiência e a invenção vão-lhe trazendo a purificação.

Todos os trabalhos humanos encontram sua verificação, cedo ou

tarde, ou seja, quando o efeito desses trabalhos pôde produzir-se nos espíritos, nos corações, nas consciências; a prova intervém tardiamente nos sistemas que atingem nossa emoção; os anos passam, morrem homens incensados falsamente ou menosprezados injustamente; tardias são as reabilitações, tardias as decadências merecidas. Na confusão atual das artes, seria bom abreviar esse fenômeno dilatado e diluído por inumeráveis excrescências nele fêmeadas pelos séculos. Com a máquina, a prova se faz em seguida: *funciona, não funciona!* A relação de causa e efeito é direta.

Por alto, pode-se dizer que toda máquina que funciona é uma verdade instantânea. É um ser viável, um *organismo claro*. Creio que é para essa clareza e para essa vitalidade que se inclinam nossas simpatias: sentimento de paternidade: é criado um ser que vive.

Mas outros fatores vêm aumentar esse sentimento obscuro, profundo e verdadeiro. A máquina é cálculo; o cálculo é sistema criativo humano que garante nossos átrios, explicando com recortes exatos a nossos olhos o universo que pressentimos, a natureza que vemos com demônios trações tangíveis de vida ordenada. A expressão gráfica desse cálculo é a geometria; a execução desse cálculo é estabelecida com base na geometria, meio que *é nosso*, que nos é caro, que é nosso único meio de medir acontecimentos e coisas. A máquina é toda de geometria. A geometria é nossa grande criação e nos enleva.

Age então o mecanismo direto da vista, do tato, dos sentidos. Realmente a máquina é um campo de experimentação maravilhosa da fisiologia das sensações, muito mais rica e *em ordem* do que a estatúária.

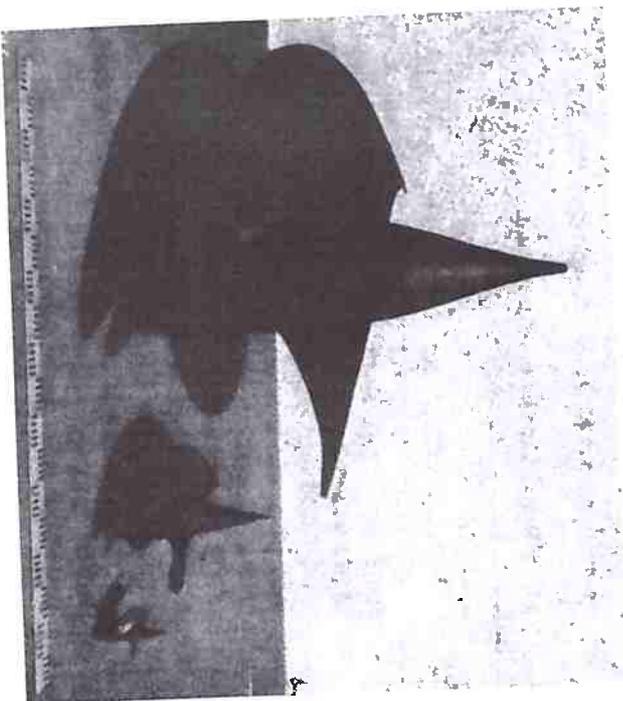
Em ordem. Leitura fácil dos olhos; percepção límpida do fato plástico que está diante dos olhos. *Em ordem!* Reflitamos um segundo que *não existe nada na natureza* que, objetivamente a nossos olhos que olham, se aproxime da pura perfeição da mais humilde das máquinas (a Lua não é redonda; o tronco da árvore não é reto; às vezes somente a onda é lisa como um espelho; o arco-íris é um fragmento, os seres vivos, com poucas exceções, não se inserem nos traçados unitários da geometria, etc.). Se dizemos com certeza: a natureza é geométrica, não é que o tenhamos visto; nós o reconhecemos, para dizer a verdade decidimos isso em conformidade com nosso sistema. E trata-se, aliás, de uma conclusão de ordem subjéitiva.

Se na praia apanharmos a pedrinha polida, escolhemos a mais redonda entre milhões de outras; se seguramos na mão com dignidade, com um gesto que a estatúária fixaria, tal fruta próxima da esfera, etc., é porque aspiramos ao fato geométrico. A máquina, então, se nos apa-

rece como a deusa beleza. E esse é apenas um entusiasmo sincero, *mas deslocado* (já que então pensamos "obra de arte").

Mas, ao invés da pedrinha de calcário, ou da imperfeita laranja, a máquina faz brilhar diante de nós discos, esferas, cilindros de aço polido, polido no mais alto grau *que vimos até esse dia*: talhado com uma precisão de teoria e uma acuidade que *jamaiz nos mostrou a natureza*. A mão se dirige para a frente e a epiderme *olha* à sua maneira com um gesto envolvente. Os sentidos ficam comovidos ao mesmo tempo que nossa mente encontra, no estoque de nossas recordações, os discos, as esferas dos deuses do Egito ou do Congo. Deuses! Geometria e deuses encontram-se juntos (velha história humana, a bem dizer simples e primera história humana).

A máquina cria a máquina. Elas afluem agora e em toda parte refluem. O polimento vai ao ponto onde ficam as seções. As seções mostram a geometria que condiciona tudo. Se polimos as seções, é por termos as funções perfeitas. O espírito de perfeição brilha nos lugares de perfeição geométrica.



E aí está, no essencial, por que o homem pára diante da máquina para admirá-la. O animal e o divino se satisfazem com ela.

As máquinas, porém, se adornam com pinturas, cinza, vermelho, verde, amarelo, azul. O cinza nos ferros fundidos complicados, a cor viva nas seções de pura geometria.

Pense agora nas obras da plástica (dessa plástica aviltada de um final de época pré-maquínista): seu lirismo logo se exalta à sua frente, com a máquina, não guardando sequer uma prudente reserva.

Ponha em funcionamento a máquina. Todas as portas se abrem, tudo é confusão na alegria. *Convém mesmo lembrar que somos a primeira geração em milênios que vê as máquinas, e devem-se perdoar tais admirações exacerbadas.*

Alição da máquina está na pura relação de causa e efeito. Pureza, economia, tensão para a sabedoria.

O despertar brutal em nós, porque fulminante, *das alegrias intensas da geometria*. Desta vez sentimo-las através dos sentidos (e Cópérnico ou Arquimedes só conseguiam inventá-las, dentro de suas cabeças).

A regra da exatidão. Causa-efeito. Salão da Aeronáutica, oposto ao Salão de Outono! Reportemos nossos pensamentos à arte plástica que se encaminhou a nós até essa hora fustigante da máquina. Desassossego! Neurastenia! Essa arte, cuja espuma das beiradas espalha em nossos cimácios sua franja recortada, não é a arte desse fenômeno novo que nos enche de admiração. Revolta. Será que surgiria uma reviravolta estética? Tornar-se-ia normal que, para emocionar-se, o homem concebesse um ciclo de obras *desinteressadas*, longe de qualquer máquina, mas animado por um sentimento matemático, por relações puras, gerando formas puras. E que uma página fosse virada nesse dia, e que nossos olhos, inteiramente confusos, estivessem nesse preciso momento olhando para onde a folha se apresenta pela borda e onde nada se vê. Amanhã a página estará virada, e a mão pesada de uma verdade nova esmagará o passado sob essa folha virada.

Aventura talvez muito grande que corremos atualmente sem desconfiarmos e quase sem nos preocuparmos. E que nós ainda estamos com os pés pousados *no ontem*.

Cometem-se então erros: exageros, efusões, desarmonias. A arte não tem por que se parecer com uma máquina (erro do *Constructivismo*). Mas nossos olhos se enlevam com formas puras. Os recursos da arte (cujo termo é a emoção constante, humana, eterna) estão libertos, iluminados de claridade.

Um desejo novo: uma estética de pureza, de exatidão, de relações comovedas, que vai pôr em funcionamento as engrenagens matemáticas de nossa mente: espetáculo e cosmogonia.

le Ra
 que
 and, D
 r Toma
 r vivra
 covera
 est cal
 t l'equ
 la vert
 mond en
 me foi

Virages — que l'artiste, en se perfectionnant, en s'épurant, devient classique, de
 le Ra
 Hestre la e signe de la machine ». Il parla
 trait (style Le Corbusier), que nous vivons
 sous ce signe, et sommes inéluctablement
 régis par l'esthétique de l'avion et de la li-
 monnaie. Ah ! la bonne blague ! La ma-
 chine... Il y en eut à toutes les époques ;
 le char des trois feindants était une machine,
 comme, plus tard, le charros du Roi-Sol-
 teil, la diligence de Holby et la galèche de
 Paul de Kock... Et l'Hispano-Suiza paraître
 un joujou naïf à nos petits-neveux.

Louis VAUXCELLES,
 Salon des T/

à juv...
 Jacques
 Carillon
 peltra e
 Nongen
 Abi Lar
 dans le
 Piquin P
 sages ; At
 l'amen
 Per Kroeg
 Maude de
 Léopold

1 En Abund 27 Jun 1924